

Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas

MERKEL, Ian. *Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas*. Trad. Anouch Kurdkdjian São Paulo: EdUsp, 2023.

João Augusto Kaminski Silla

Na presente resenha, pretende-se apresentar uma importante obra para o campo da História Intelectual, discutindo o seu lugar na produção epistêmica sobre a historiografia, assim como algumas de suas limitações. Livro recente do historiador estadunidense Ian Merkel (atual professor assistente na Universidade de Groningen)¹, *Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas* (2023, tradução de Anouch Kurdkdjian)² versa sobre como os intelectuais brasileiros, em especial os egressos dos primeiros cursos de ciências humanas da Universidade de São Paulo (USP), exercem sua influência sobre intelectuais franceses visitantes da referida instituição. O livro tem como objetivo principal traçar trajetórias de intelectuais franceses durante a Missão Francesa na USP, cruzando suas vidas com o nascimento desta universidade, bem como com os egressos dessa mesma instituição.

Dentre os intelectuais franceses, Ian Merkel trata de discutir a sociabilidade do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), o geógrafo Pierre Monbeig (1908-1987), o sociólogo Roger Bastide (1898-1974) e o historiador Fernand Braudel (1902-1985), mostrando como as ciências sociais brasileiras influenciaram nas obras destes autores. Deve-se levar em conta que estes indivíduos ainda não possuíam, durante os anos de 1930-40, o renome que ganhariam *a posteriori* sua

¹ Informações relativas ao autor foram extraídas do seu perfil na plataforma online *Academia.edu*. Disponível em: <<https://rug.academia.edu/IanMerkel>>. Acesso em: 10/09/2025.

² Publicado originalmente sob o título de *Terms of exchange: brazilian intellectuals and the french social sciences*, em 2022 pela Chicago University Press. Também publicado em francês sob o título *Les termes de l'échange. Les intellectuels brésiliens et les sciences sociales françaises*, em 2024.



Vale a nota de que esse livro, segundo Rafael Faraco Benthien (texto da orelha do livro), se insere em uma nova dinâmica metodológica da história das disciplinas e da história intelectual. Ao tratar do *cruzamento* de trajetórias e disciplinas, a analítica historiográfica de Merkel torna-se clara ao demonstrar os conflitos de projetos disciplinares na missão francesa nos durante a primeira metade do século XX. Nesse sentido, o livro pode ser enquadrado como uma obra da historiografia da história cruzada das disciplinas, tendo em vista que o principal grau de inovação é holística teórico-metodológica, não se prendendo em conceitos que, por vezes, tornam-se fechados e mecânicos como os conceitos de *campo* (Bourdieu), *rede* (Latour) e *paradigma* (Kuhn).

Trata-se de pensar o grau relacional da dinâmica de trajetórias e de trocas interpessoais entre os intelectuais, percebendo que os seus projetos e ideias disciplinares transcendem tanto o espaço em que circulam e o tempo em que estão contextualizados (cf. Benthien, 2020). Além disso, o livro é um avanço se comparado com o clássico *História das Ciências Sociais no Brasil* (1989), organizado por Sérgio Miceli em 2 volumes. Nesse livro, Miceli aponta para uma sociologia das ciências sociais a partir do levantamento exaustivo de materiais bibliográficos, institucionais e autorais, mostrando que a incipiente sociologia dos intelectuais que conceberam as ciências sociais enquanto objeto de reflexão (Miceli, 1989, p. 07-08). Nesse sentido, a diferença marcante do trabalho de Merkel frente ao clássico de Miceli está posta a partir da premissa e do contexto em que as obras se situam: de um lado, os *Termos de Troca* apresentam trajetórias e constituição disciplinar a partir do esquema de internacionalização e fundamentação teórico-metodológica em perspectiva cruzada, mostrando que as relações entre brasileiros e franceses são mútuas no sentido de “influências”. Por outro, o projeto de Miceli se caracteriza por uma análise muito mais política da constituição das Ciências Sociais no Brasil pelos próprios brasileiros (Miceli,

1989, p. 14), opção pela qual não se destaca a dimensão individual e particular oferecida pelo estudo de trajetórias feito por Merkel.

Voltando-nos para a obra, na “Introdução”, Merkel aponta para o principal problema de sua pesquisa: pensar a centralidade do Brasil na consagração e formação intelectual das ciências sociais francesas no preâmbulo do século XX (Merkel, 2023, p. 22-3). Desse modo, o autor explica o título: os *termos de troca*, emprestados do livro *Terms of Inclusion* (2011), de Paulina Alberto³, mostram-se *termos de desigualdade*. Contudo, essa desigualdade acabou sendo reforçada não *de facto*, mas *a posteriori* a consagração da política e intelectualidade brasileira. Trata-se de pensar a relação Brasil-França não como uma dispersão de ideias, mas como *troca decisiva* entre intelectuais franceses com brasileiros. As formações de indivíduos como Braudel, Lévi-Strauss e outros, ainda em época de desenvolvimento de suas teses de doutorado, eram vistos com ótimos olhos pela recém-formada Universidade de São Paulo (USP). Segundo Merkel, a USP se colocava como uma nova instituição de ensino com fortes críticas à Universidade do Distrito Federal (UDF, localizada no Rio de Janeiro, capital da República na época).

Enquanto a UDF era tida como uma instituição mais “tradicional”, a USP se colocava como inovadora a partir de uma disputa de hegemonia cultural entre Rio de Janeiro e São Paulo, cidade esta em processo de crescente urbanização e industrialização. Formava-se na USP os novos intelectuais da elite paulistana, em especial a partir da elite que organizava-se em torno de Júlio de Mesquita Filho, então dono do importante jornal *O Estado de São Paulo*. Nesse sentido, trazer intelectuais franceses não era um modo de *imitar* a cultura europeia, mas de tentar absorvê-la como forma de criação de novos campos disciplinares (Merkel, 2023, p. 76-77).

Os intelectuais das missões francesas foram diversos, contudo, enquanto expressão fundamental do argumento do livro, procuramos pensar em dois

³ O livro no qual a autora analisa as trocas intelectuais extremamente desiguais entre negros e brancos no início do século XX no Brasil demonstra a dificuldade desses sujeitos de inserção no espaço intelectual e político do país recém ex-escravista (cf. Alberto, 2011)



deles: Lévi-Strauss e Fernand Braudel. Esses indivíduos tornam-se essenciais para pensarmos os temas de racialidade, exotismo dos trópicos e a consagração da história e antropologia como disciplinas no Brasil. Começando com Braudel, é curioso notar que a trajetória desse autor é analisada por Ian Merkel como o menos entusiasmado pela viagem ao Brasil (Merkel, 2023, p. 149). Entretanto, e ainda de forma curiosa, foi na Bahia em que Braudel desenvolveu sua famosa anedota dos acontecimentos históricos enquanto pirilampos: ao observar um lago à noite, percebia que os vaga-lumes brilhavam e logo se apagavam, relegando à memória e à narrativa do observador ligar os seus diversos *brilhos* e *apagamentos* (Merkel, 2023, p. 150).

Enquanto os povos ligados à terra eram objeto das mentalidades das quais estudavam Marc Bloch e Lucien Febvre, Braudel procurava encontrá-las na espacialidade experimentada. A Bahia, para o historiador do *Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* (1949), era como um lugar atemporal, muito provavelmente por influência do pensamento antropológico de Lévy-Bruhl (Merkel, 2023, p. 153). Assim, corroborando com Caio Prado Jr., historiador em formação de uma das primeiras turmas de História e Geografia da USP, tratava-se de pensar a Bahia como laboratório. Ian Merkel explica:

Para Braudel, a Bahia era um laboratório, uma fonte de imaginação muito mais próxima de sua pesquisa como historiador do que São Paulo. Os baianos lamentaram durante muito tempo a mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro e não é surpresa que Braudel sentisse uma certa saudade do passado português. Suas reflexões, por mais superficiais que sejam, indicam, no entanto, a importância que ele conferia à geografia e sua temporalidade relativamente imóvel – algo mais difícil para ele notar em Paris, São Paulo ou nas cidades portuárias modernas do Mediterrâneo, do que em Salvador. Braudel, tal como Lévi-Strauss e Monbeig, usou o Brasil não apenas como lugar para refletir sobre o mundo e sua área de estudos, mas também para se inserir em uma rede transatlântica de intelectuais. (Merkel, 2023, p. 153-4)

A experiência, enquanto contato pleno com a realidade em seus âmbitos particulares, intelectuais e teóricos, mostra a originalidade do trabalho de Merkel. Nesse sentido, é importante ter em mente que o autor não problematiza

a ideia de que Braudel via o Brasil como “laboratório”. Retornaremos a isso, pois é importante destacar a dinâmica de poder que esses intelectuais tinham sobre os recém-bacharéis da USP.

Ainda sobre Braudel, Merkel aponta o contato que o autor teve com Alice Canabrava, Caio Prado Jr, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Braudel fazia uma ponte entre esses intelectuais e Lucien Febvre, então editor da revista *Annales*, a qual estava se consagrando como uma das mais importantes revistas de história do seu período de maior efervescência. Em termos mais sucintos, essa troca intelectual proporcionava não só maior visibilidade de intelectuais brasileiros para os franceses leitores dos *Annales*, mas um modo específico de olhar para o Brasil enquanto lugar de contribuição para a ciência histórica. O autor da obra aqui resenhada compreende que Braudel

Ao oferecer postos cobiçados de professor visitante para acadêmicos como Georges Gurvitch e Georges Dumézil, Braudel aprofundou uma rede de apoio importante, da qual a 6ª seção da École Pratique surgiu. Isso, por sua vez, fortaleceu a posição da École Pratique, em aliança com alguns estudiosos do Collège de France e da Sorbonne, tanto no âmbito da pesquisa sobre a América Latina, quanto em outras áreas. (Merkel, 2023, p. 263)

Nota-se que o contato de Braudel no Brasil possibilitou a consagração de Braudel como intelectual influente, tanto no âmbito do conhecimento histórico, quanto no âmbito institucional. O Brasil ganha em função explicativa e reitera os personagens principais da obra: intelectuais *franceses* e as *suas* ciências sociais. Ainda que pressuponha uma relação entre intelectuais, os protagonistas da narrativa ainda são europeus. Isso muda com o outro personagem muito bem analisado por Merkel: Claude Lévi-Strauss.

Com *As estruturas elementares do parentesco* (1949) ainda sob processo de pesquisa e escrita, Lévi-Strauss procurou encontrar no Brasil uma sociedade indígena ainda intocada pela civilização europeia (Merkel, 2023, p. 138). Seguindo os conselhos de Marcel Mauss, diretor do Institut d’Ethnologie de Paris, antropólogo recém-chegado ao Brasil encontrou diversas idiossincrasias



burocráticas: ficava preso à São Paulo e, quando saía visitar o interior sertanejo e, mais especificamente, indígena do país sempre estava acompanhado de guias. Isso fazia com que a pesquisa incisiva de Lévi-Strauss se tornasse comprometida, levando-o a terminar intencionalmente o seu contrato com a USP para fazer pesquisas de campo (Merkel, 2023, p. 166).

A procura de uma sociedade intocada pela civilização europeia mostrava, em Lévi-Strauss, o tom da antropologia: dissecar não os *corpos*, mas as *culturas* desses corpos de modo a tratar de modelos epistemológicos capazes de entender a cultura humana. O caráter ambíguo dessa ação não é explorado por Ian Merkel, focalizando nas relações de positivação do conhecimento das humanidades em formação e na sua dinâmica quase mecânica, i. e., mostrando os caminhos feitos e os resultados destes, como produtos de uma trajetória traçada holisticamente.

Esse elemento que, em nosso entendimento, é basilar no trabalho de Merkel fica expresso no momento em que o autor descreve a ideia de “evento” para o antropólogo francês. Em um momento de reformulação e reflexão sobre o trabalho sobre o parentesco, os anos de 1950 foram, para Lévi-Strauss, tempos de constantes contatos com brasileiros, dentre eles Florestan Fernandes e Gilberto Freyre. O primeiro, com auxílio no estudo das sociedades indígenas e na população negra (isso mais posteriormente). O segundo, possuindo uma relação próxima entre ele e Braudel, fora recepcionado na França de modo a recuperar a trajetória da incursão a um Brasil interiorano e, como exposto acima, atemporal (Merkel, 2023, p. 269).

A formação do livro *Tristes Trópicos* (1955) e a angústia de Lévi-Strauss sobre o mundo superpopuloso, degradação ambiental e destruição de culturas de povos originários representa a saudade do antropólogo (Merkel, 2023, p. 270). Isso tudo fica explícito no capítulo “O Brasil e a Reconstituição das Ciências Sociais Francesas” (Merkel, 2023, p. 237-282), onde Merkel procura explicar que as experiências passadas de intelectuais franceses foi decisiva para que estes recuperassem as ideias de brasileiros e os convocassem para darem palestras ou publicarem em revistas francófonas. É evidente que, a partir do 6º capítulo (i.e., a

partir da página 283), Merkel compreende a reação de intelectuais franceses à obra *Casa-Grande & Senzala* (1933), de G. Freyre, em especial às críticas ao conceito de mestiçagem e a proposta de um entendimento decolonial da relação entre portugueses e indígenas no Brasil.

Contudo, a brasilidade presente ainda volta para uma ideia de objetificação e exotização do Brasil por franceses, algo que Merkel não chega a criticar. Em outros termos, o Brasil torna-se laboratório, pois apresenta-se aos intelectuais franceses como categoria do conhecimento pronto para ser dissecado e entendido. O país tropical serviu, em última instância, como solavanco institucional e intelectual dos intelectuais franceses; foram prestigiados pela viagem ao exótico, mas não perceberam (e isso pode ser visto muito justamente como uma limitação da época de Braudel e seus colegas) que estavam eles mesmos sendo agentes coloniais do conhecimento.

É notável que, ainda que haja, na obra de Merkel, uma grandiosa coleção documental: cartas, periódicos, fotografias, desenhos, excertos de jornais e tantas outras fontes que impressionam o leitor, por mais erudito que seja. Ian Merkel nos mostra uma ótima erudição historiográfica e documental, tendo em vista que está lidando com materiais ainda *vivos*: nos mostra a abertura histórica do arquivo pessoal e da conexão intelectual internacional. Em conclusão, o trabalho apresenta como as instâncias coloniais são complexas: a elite de dentro da ex-colônia tropical abre portas para uma outra colonização, dessa vez intelectual, em que indivíduos desconhecidos em seus lugares chegam como grandes nomes do país do outro lado do Atlântico. As idiosincrasias do mundo estão postas e delas somos filhos. Nesse sentido, Ian Merkel nos faz refletir sobre como é importante termos conhecimento de *onde* e *quando* vêm as bases epistêmicas de nossas ciências sociais e históricas.



REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulina S. **Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil**. North Carolina: North Carolina Press, 2011.

BENTHIEN, Rafael Faraco. “Por uma história cruzada das disciplinas: ponderações de ordens prática e epistemológica”. **Revista de História**, São Paulo, n. 179, pP. 1–26, 2020. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/159951>> . Acesso em: 12 set. 2025.

MICELI, Sérgio. Por uma Sociologia das Ciências Sociais. In.: MICELI, Sérgio, et. al. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. I. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais; IDESP, 1989, pp. 05-20.